

## PEDRAS NO CAMINHO

**\* Roberto Rodrigues**

Economistas bastante realistas que confiam na nova equipe econômica mostram preocupações com a economia brasileira nos próximos dois anos. E sobram razões para isso. Em primeiro lugar, um forte ajuste fiscal tem que ser feito com rapidez - e sem dúvida será -, acompanhado de um importante aperto monetário, com juros mais altos e eventual redução da oferta de crédito que, evidentemente, será mais seletivo. Esta receita por si só não mudará o cenário macroeconômico do final de ano, com o crescimento ridículo do PIB (menos de 0,5%), baixíssimo investimento produtivo e desarrumação nas contas fiscais, além de um provável déficit primário. A retomada do tripé de gestão está no radar dos novos governantes, de modo que teremos a volta do câmbio flutuante, da responsabilidade fiscal e da meta de inflação.

Some-se às questões apontadas uma paradeira na construção civil, melancolia na indústria, perigo de racionamento de energia (sem falar no socorro inevitável para as distribuidoras dela), risco no abastecimento de água se não chover mais do que a média histórica, cenário externo pouco favorável com crescimento relevante apenas nos Estados Unidos (mas com terrível situação de alguns vizinhos importantes, como Argentina e Venezuela e redução do poder de fogo da China), queda nos preços das commodities, real depreciado (ufa, que rol danado!), e temos um horizonte sombrio para 2015, com um crescimento ainda píffio de menos que 1%, e algum desemprego.

Neste quadro nada animador, ainda tem o tema paralisante da corrupção na Petrobras e o anúncio de novas denúncias em outras grandes obras públicas, como aeroportos, que tendem a afastar investimentos produtivos. O Congresso renovado, mas ainda fragmentado, e os partidos políticos disputando cargos são mais fatores de desestabilização.

Apesar disso tudo, os economistas afirmam que não teremos recessão e nem inflação em 2015. Não cresceremos, mas não haverá tragédias maiores, mesmo que o ajuste fiscal necessário incorpore mais aumento de impostos. Isso porque há uma variável muito positiva e nova nesta assustadora coleção de dificuldades: confiança na equipe econômica! Este é o grande capital que a presidente da República precisa cultivar junto à sociedade, já cansada de promessas eleitorais jogadas no lixo. Só confiança poderá nos livrar de uma situação pior daquela em que nos encontramos neste começo de ano novo. Confiança trará capitais de fora e de dentro, com investimentos produtivos que permitirão sairmos do buraco depois de 2016, seguramente. Resta saber se o governo todo merecerá esta mesma credibilidade, e isso depende da capacidade da presidente de não interferir na economia como fez no primeiro mandato.

Enquanto isso, o agronegócio continuará a sustentar nossa balança comercial e a garantir empregos em todo este vasto interior brasileiro. Apesar da queda de preços de muitos produtos no mercado mundial, apesar da brutal seca que afetou algumas culturas de forma dramática sobretudo na região sudeste, apesar do abandono inexplicável da Agroenergia e dos combustíveis renováveis, apesar de tudo, plantamos mais uma grande safra e vamos, mais

uma vez, garantir saldo comercial nas contas externas. Com as barbas de molho, é certo, uma vez que as margens de 2015 serão menores e os custos para 2016 aumentarão por causa do câmbio... Mas vamos em frente, removendo as pedras do caminho, acreditando que nosso grande país tem todas as condições para garantir alimento e energia para o mundo.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**